

# O PAPEL DOS MEDIADORES CURRICULARES NA PROMOÇÃO DE ATITUDES POSITIVAS

*Cristina Palmeirão*

Universidade Católica Portuguesa

*Isabel Menezes*

Universidade do Porto

## Resumo

O artigo que agora se apresenta inscreve-se num estudo mais vasto a propósito da Educação Intergeracional e enfatiza o papel e a importância dos mediadores curriculares na/para a mudança atitudinal da população mais jovem, acerca da pessoa idosa e da sua função na sociedade presente. Transformar e construir novas representações mentais é possível, basta para isso fomentar atitudes positivas e semear uma cultura socioeducativa inclusiva e significativa. Neste universo, os manuais escolares, enquanto mediadores curriculares, são (devem ser) veículos privilegiados para promover aprendizagens estruturadas e estruturantes no sentido de fazer germinar uma comunidade verdadeiramente educadora comprometida com a promoção de uma cidadania responsável e inclusiva.

**Palavras-chave:** Manuais Escolares, Educação Intergeracional e atitudes positivas;

## 1 - O sentido dos mediadores curriculares

O manual escolar, enquanto “instrumento impresso, intencionalmente estruturado”(Gérard & Roegiers, 1998, p. 19) é um importante guia de aprendizagem e de socialização (Zabalza, 1994, p. 49), porquanto funciona como instrumento de trabalho para os alunos e como mecanismo de regulação da acção

docente (Correia & Matos, 2001, p. 131). Efectivamente, os manuais escolares são poderosíssimos veículos de “reprodução cultural” (Tormenta, 1996, p. 11) e, conjuntamente, os responsáveis por “orientar para o desempenho actual ou futuro determinados papéis sociais” (Leal, 1979). Circunstância que requer uma atitude problematizadora, já que podem actuar como inibidores intelectuais e, assim, pôr em causa a razão primeira da sua real função, a saber, a construção saudável e esclarecida de um saber isento de preconceitos e/ou de estereótipos. A legislação coeva (Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto – DR – 1ª Série) explica que o Manual Escolar é um recurso imprescindível no/para o “processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens” e, nesse pressuposto, é um instrumento elementar de promoção e desenvolvimento socioeducativo. Questionar a validade e a coerência pedagógica e científica destas ferramentas é exigir rigor e cientificidade – de resto, os ingredientes básicos de qualquer (bom) manual escolar.

As sociedades contemporâneas reclamam para a escola actual uma atitude dinâmica, interactiva e “curricularmente inteligente” (Leite, 2003, p.36 ). E, assim sendo, uma escola inovadora, eficaz e eficiente cuja orientação é fazer aprender a ser pessoa (Formosinho; Fernandes; Machado & Ferreira 2005; Perrenoud, 2004; Roldão, 1999; Scheerens, 2004). Evidentemente, a escola é (deve ser) o lugar “onde se desenvolvem estratégias que fazem dos actos de ensinar e de aprender não apenas um meio de reprodução, mas também de produção e transformação social” (Leite, 2002, p. 51) e, onde, naturalmente, se estimulam e desenvolvem aprendizagens significativas e estruturantes de uma sociedade que se quer educadora e consciente da sua heterogeneidade.

Na verdade, os manuais escolares transmitem muito mais que construtos teóricos; transmitem, também, representações sociais que originam “mapeamentos representacionais” (Papalia *et al*, 2001, p. 353) e saberes que vão remodelando as figurações simples em sistemas representacionais complexos e estruturantes da personalidade de cada um de nós (*idem*). Assim sendo, importa imprimir a estes instrumentos valores cujos princípios repousam em atitudes positivas e esclarecidas e na assunção de sociedades multigeracionais robustas e equitativas.

## 2 - Metodologia e especificidade dos manuais escolares

A intenção primeira do presente estudo foi a de aferir se os livros escolares, na forma de manuais didácticos e enquanto «intermediários» dos programas educativos nacionais, proporcionam e potenciam conhecimentos e atitudes positivas,

- i) sobre o envelhecimento populacional e a velhice;
- ii) sobre a pessoa idosa, a velhice e a reforma;
- iii) sobre o papel da pessoa idosa no mundo e nas relações sociais actuais.

Cronologicamente, o trabalho inscreve-se numa baliza temporal de cerca de duas décadas e, nesse horizonte, recua aos anos 80 do século passado, especificamente ao ponto de viragem do sistema educativo português. Ou seja, ao ano da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo [LBSE] (Decreto Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro). Apesar de existir já, desde 2005, uma “versão nova consolidada” (Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto), reiteram-se fielmente os objectivos que importam à investigação.

Em termos metodológicos, privilegiamos a análise de Manuais Escolares de Estudo do Meio e de Língua Portuguesa. Uma análise precedida pela avaliação de outros documentos oficiais e no propósito de averiguar e melhor compreender o ciclo de vida e assim a longevidade potencial deste tipo de orientadores curriculares (Decreto Lei n.º 369-90, Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto) e, ainda, a de identificar os objectivos e as competências de aprendizagens definidas e requeridas nos documentos orientadores da política educativa nacional (LBSE e Plano Curricular do Ensino Básico) aos alunos do 1º Ciclo, em particular, do 4º ano de escolaridade.

### 3 - Aprendizagem e competências...

#### 3.1 - *Definidas na lei de bases do sistema educativo*

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE, artº. 5º, ponto 2), esclarece que, no 1º ciclo, “o ensino é globalizante”. No essencial, sustenta-se a necessidade de estimular um conhecimento real, enlaçando princípios de humanismo, de solidariedade e de cooperação e, ainda, aprendizagens significativas cuja intenção é fazer despoletar vínculos relacionais interfamiliares e comunitários. Em última instância, é preciso, “proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervinientes na vida comunitária” (LBSE, artº. 7º, alíneas f, h e i).

Evidentemente, guias importantes, mas que não excluem outras dimensões da educação e da aprendizagem (cf. Organização Curricular e Programas de Ensino Básico – 1º Ciclo, 2004). O que se deseja é prover o pleno desenvolvimento do ser humano e, no essencial, favorecer a aprendizagem plural, onde a formação pessoal e social, a aquisição de saberes e competências e os “valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática” (idem) exigem reflexão. De facto, os propósitos são

congêneres, porquanto o ideal é que a educação contribua de forma cabal para o desenvolvimento integral da pessoa e, nesse sentido, pense a pessoa no seu todo,

*espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida* (Delors, 1997, p. 86-87).

Ora, tendo em mente que a nossa questão é relativa à Educação Intergeracional e à imagem social da pessoa idosa veiculada pela literatura coeva, concretamente, pelos manuais escolares de Estudo do Meio e de Língua Portuguesa do 1º ciclo-4º ano de escolaridade e, apesar de não haver referência explícita a estas questões nos documentos orientadores, a educação intergeracional e a imagem social da pessoa idosa estão latentes nos conteúdos apresentados, em particular no item relativo à dimensão pessoal, onde se refere a importância de “promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade” (cf. Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo, 2004).

### 3.2 - E no plano curricular do ensino básico – 1º ciclo

Da análise do Plano Curricular do Ensino Básico – 1º Ciclo ([On-line], ([http://www.dgide.min-edu.pt/fichdown/programas/Prog%20\\_1CicloEB.pdf](http://www.dgide.min-edu.pt/fichdown/programas/Prog%20_1CicloEB.pdf), 14/08/06), emergem os princípios inscritos na LBSE, a saber: educabilidade, democraticidade e flexibilidade curricular. Da hermenêutica do documento a hipótese de referência à pessoa idosa e à velhice existe nos manuais de Estudo do Meio e no de Língua Portuguesa. Todos os outros, não deixam antever qualquer indício de abordagem à problemática da educação intergeracional e/ou ao fenómeno do envelhecimento.

O “Estudo do Meio” porque “pressupõe, (...) a emergência de componentes emocionais, afectivas e práticas de relação”, porque integra “diferentes níveis do conhecimento humano” e, ainda, porque “parte do mais global e indiferenciado para o particular e específico atendendo às múltiplas componentes que integram o Meio, não para desfazer a sua unidade, mas para melhor a compreender e explicar”. Sobre a natureza das competências a conseguir, destacamos o “dinamismo das inter-relações entre o natural e o social” (Idem) e a necessidade de reconhecer e compreender modificações e saberes, sobretudo, no que importa à questão do “crescimento e envelhecimento” na certeza de que “estes são os principais estádios do ciclo de vida humana” (Idem).

Quanto à Língua Portuguesa, esta opção resulta do facto de ser “um instrumento” e, simultaneamente, um “conteúdo ou objecto de aprendizagem” que possibilita a comunicação e a promoção da “educação para a cidadania” ([On-line], [http://www.edunau.net/Downloads/programas\\_homologados/lingua\\_portuguesa\\_10\\_11\(74\).pdf](http://www.edunau.net/Downloads/programas_homologados/lingua_portuguesa_10_11(74).pdf), 13/03/07).

Nessa perspectiva, ambas abordam dimensões que se aproximam da taxonomia do nosso estudo e, portanto, no caminho da investigação sobre o papel dos manuais escolares acerca da representação social da pessoa idosa.

#### 4 - Diversidade dos «livros de texto»

Delimitado a baliza temporal dos «livros de texto» (Zabalza, 1994, p. 49), identificada a sua longevidade – que segundo a actual legislação não vai além de 6 anos (Lei n.º 47/2006, artº4) –, foi necessário definir a casa editorial e os manuais a analisar (Quadro n.º 1).

*Quadro n.º 1 – Exemplos dos manuais de publicações em 2006/2007*

Editora	n.º EB <sup>1</sup>	1 <sup>as</sup> Edições	Estudo Meio	Língua Portuguesa
Areal Editores	1	2006	- Pasta Mágica	- Pasta Mágica
Constância Editores <sup>2</sup>	1		- Projecto Vila Moinho Vila Moinho	- Projecto Vila Moinho - Vila Moinho
Edições Gailivro	1		- A Aprender Brincando - Estudo do Meio do João - Estudo do Meio do Pequeno Mestre - Caminhar - Eu e a Mariana - Estudo do Meio do João	- As Letrinhas – Colectânea de Textos - As Leituras do João - Caminhar – Leituras - As Leituras do João - Eu e a Mariana - As Leituras do Pequeno Mestre
Edições Livro Directo	5	2002	- O Despertar - (Novo) Despertar	- O Despertar - (Novo) Despertar

<sup>1</sup> Escola Básica 1º Ciclo

<sup>2</sup> Não nos foi possível confirmar data.

<sup>3</sup> Não nos foi possível confirmar data.

Edições Nova Gaia		2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As minhas Descobertas</li> <li>- Aprender a Descobrir</li> <li>- Joaninha</li> <li>- Aprender a Descobrir</li> <li>- Pirilampo 4</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vá de Roda</li> <li>- Pirilampo 4</li> <li>- No Baloço do Arco-íris</li> <li>- Joaninha</li> <li>- O Encanto da Leitura</li> <li>- Ler ... Pensar ... Escrever</li> </ul>
Editorial O Livro <sup>3</sup>	1		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber Quem Somos 4</li> <li>- Fio-de-Prumo 4</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fio-de-Prumo 4</li> <li>- Supersabichão</li> </ul>
Porto Editora	2	> 1986	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pequenos Curiosos 4</li> <li>- Andorinha Torrinha 4</li> <li>- Caminhos 4</li> <li>- Aventura do Meio</li> <li>- Novo Retintim</li> <li>- Bambi 4</li> <li>- Trampolim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pequenos Leitores 4</li> <li>- Aventura das Letras 4</li> <li>- Novo Retintim</li> <li>- Trampolim 4</li> <li>- Bambi 4</li> <li>- Andorinha Torrinha</li> <li>- Caminhos 4</li> </ul>
Santillana - Constância	1		<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Estudo do Meio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Língua Portuguesa</li> </ul>
Texto Editores	7	2006	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amiguinhos</li> <li>- O Júnior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amiguinhos</li> <li>- O Júnior</li> </ul>

Perante tão grande heterogeneidade, decidimos pela Porto Editora. As razões são duas: a primeira porque é a única que, em termos cronológicos, satisfaz e acompanha o marco cronológico definido para a pesquisa (1986 a 2006) e, a segunda, porque ao longo dos anos tem vindo a gozar de singular estatuto, relativamente, à “cota de mercado”. O número de manuais estudados, nesta editora, de 1986 a 2006, foi de 27 compêndios: 14 na Língua Portuguesa (Quadro 2) e 13 relativos ao Estudo do Meio (Quadro 3).

*Quadro n.º 2 – Manuais Escolares de Língua Portuguesa*

Editor	Língua Portuguesa		Autores	Ano
Porto Editora	Bambi 4	P1	Pinto, A. & Carneiro, M.	2005
	Bambi 4	P2	Pinto, A. & Carneiro, M.	2002
	Bambi 4	P3	Pinto, A. & Carneiro, M.	2001
	Retintim	P4	Miranda, A. & Lopes, C.	2001
	Andorinha Turrinha	P5	Magalhães, L. & Rebelo, O.	1998
	Bambi 4	P6	Pinto, A. & Carneiro, M.	1998
	Retintim	P7	Miranda, A. & Lopes, C.	1998
	Tintim por Tintim	P8	Miranda, A. & Lopes, C.	1997
	Novo Pequenos Leitores	P9	Timóteo, N. & Marques, C.	1997
	Retintim	P10	Miranda, A. & Lopes, C.	1994
	No Jardim da Comunicação	P11	Freire, M.	1994
	Novo Pequenos Leitores	P12	Timóteo, N. & Marques, C.	1994
	Descobrir ... as palavras	P13	Neves, C. & Costa, R.	1994
	Tintim por Tintim	P14	Miranda, A. & Lopes, C.	1991

*Quadro n.º 3 – Manuais Escolares Estudo do Meio*

Ficha Técnica				
Editor	Estudo do Meio		Autores	Ano
Porto Editora	Trampolim 4	E1	Castro, M.; Gomes, F. & Costa, M.	2006
	Caminhos	E2	Dinis, C. & Ferreira, L.	2006
	Bambi 4	E3	Pinto, A. & Carneiro, M.	2002
	Andorinha Turrinha	E4	Borges, F.; Lima, J. & Freitas, M.	2001
	Andorinha Turrinha	E5	Borges, F.; Lima, J. & Freitas, M.	1999
	Retintim	E6	Miranda, A. & Lopes, C.	1998
	Bambi 4	E7	Pinto, A. & Carneiro, M.	1998
	Caminhos da Nossa Terra	E8	Ramalho, M.	1994
	O Bambi	E9	Pinto, A. & Carneiro, M.	1994
	Magia do Saber	E10	Monteiro, A.	1994
	Retintim	E11	Miranda, A. & Lopes, C.	1994
	Descobrir ... o Meio 4	E12	Neves, C.; Costa, R. & Marques, E.	1994
	Mundo Novo – Meio Físico e Social	E13	Neves, C. & Costa, R.	1986

## 5 - As representações sobre a pessoa idosa através dos manuais escolares

### 5.1 - Estudo do Meio

O tema do envelhecimento populacional e da velhice é, no “currículo enunciado” um assunto pouco explicitado. Normalmente, a referência à pessoa idosa ou à população maior de sessenta e cinco anos de idade aparece nas unidades referentes:

1. À Descoberta dos Outros e das Instituições – O Passado do Meio Local;
2. À Descoberta das Inter-relações entre a Natureza e a Sociedade – item “Serviços – Observo e investigo”.

Em nenhum dos manuais consultados, nem mesmo nos mais recentes, dados de 2006, aparece uma definição ou qualquer outra expressão que introduza questões relacionadas com a problemática da terceira idade ou da gerontologia. A referência à pessoa idosa surge, frequentemente, associada ao desenvolvimento local e, enquanto “fontes orais” (Dinis & Ferreira, 2006, p. 32; Miranda & Lopes, 1998, p. 24; Monteiro, 1994:30; Pinto & Carneiro, 1994, p. 21; Pinto & Carneiro, 1998, p. 22 e 44; Pinto & Carneiro, 2002, p. 22). Relativamente às ilustrações, aqui assumidas como desenhos, estampas, gravura, fotografias, documentos históricos, é de salientar que cumprem uma função vital no processo de ensino-aprendizagem. E se, no passado (recente), o processo de ensino privilegiava cabalmente a narrativa escrita, na actualidade, há um valor idêntico atribuído a outros formatos.

Em “Retintim”, por exemplo, Arlindo Miranda e Figueiredo Lopes (1998, p. 24), escrevem:

*Como sabes, todas as povoações têm a sua história. Para conheceres melhor a história da tua povoação poderás recorrer aos monumentos, aos museus, à leitura de revistas e jornais, à biblioteca municipal ou outras.*

*Também poderás indagar junto das pessoas mais idosas ou recorrer a monografias, filmes gravuras ... sobre o passado de uma instituição existente na tua localidade: a escola, a associação cultural e desportiva, a junta de Freguesia, a Câmara Municipal, a Biblioteca Municipal, as instituições religiosas ...*

Ana Pinto e Maria Aurélia Carneiro (1994, 1998 e 2002) dizem:

*Em todas as localidades existem variadas instituições (escola, autarquia, instituições religiosas, associações) que facilitam a vida das pessoas. Investigar sobre o passado dessas instituições é conhecer a história do meio local.*



*É interessante conhecer o passado de algumas instituições a que estamos ligados. Para obtermos essas informações, podemos fazer entrevistas a pessoas mais idosas da localidade. Elas sabem histórias e conhecem factos muito antigos que ouviram já contar aos seus pais. É o recurso a fontes orais (...) (p. 22-23; 20-21; 22 e 44, respectivamente).*

Citações semelhantes às dos restantes manuais e onde a pessoa idosa surge (quase sempre) como “recurso oral da história local”.

Num outro ponto (avaliação do 1º Bloco), ainda a propósito da “História da minha localidade” (Pinto & Carneiro, 1994, p. 22; Pinto & Carneiro, 1998, p. 128-129), pede-se ao aluno/a para:

- › Observar fotografias sobre diferentes instituições locais – Escolas, Junta de Freguesia, Cruz Vermelha, Associação Desportiva, Paróquia, Lar de Terceira Idade.
- › Comentar o significado de cada instituição com o professor/a e com os companheiros.
- › Investigar através de questionários orientados.
- › Ler textos informativos.
- › Assinalar, em tabelas, instituições existentes na localidade.
- › Realizar trabalhos de grupo (organização e realização de entrevistas com o apoio de um texto e de uma grelha orientadora) sobre as diferentes instituições da localidade.
- › Pôr em comum as informações recolhidas sobre cada trabalho.
- › Organizar e elaborar um painel colectivo sobre as instituições da localidade”.

Seguidamente, seis questões. A última, a número 6, inquire sobre várias situações; duas das quais interpelam factos relacionados com a população sénior, a saber:

- › Quem frequenta o “Lar da 3ª Idade” e
- › Que ajudas prestam as instituições deste género?

Os mesmos manuais, numa outra unidade (À Descoberta das Inter-relações entre a Natureza e a Sociedade), no item “Serviços – Observo e investigo”, inclui várias fotografias, e sugere um exercício com quatro questões. A primeira pede para identificar o serviço representado em cada fotografia, uma delas é um Lar da 3ª Idade (Figura 1).

Figura 1 – Lar da Terceira Idade

**6** Lar da terceira idade

Fonte: Pinto & Carneiro, 1994, 1998, p. 20

E, em “leio e informo-me” lê-se:

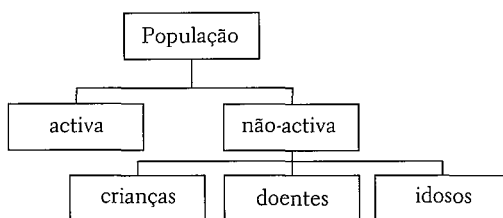
Em todas as localidades há serviços que devem garantir aos cidadãos uma boa qualidade de vida.

*As pessoas que trabalham nestas actividades não produzem bens, nem os transformam, mas prestam serviços indispensáveis à comunidade, proporcionando a todos mais segurança e mais comodidade no seu dia-a-dia. Fazem parte do sector dos serviços profissionais da saúde, de educação, de transporte, de turismo, administrativos e financeiros (Pinto & Carneiro, 1998, p. 129).*

O texto não faz referência específica à população idosa. Mas na actividade proposta pede que se associe profissões/serviços.

Só em 2006, Conceição Dinis e Luís Ferreira, no manual “Caminhos”, citam a estratificação populacional actual, fazendo referência à população activa e à população não activa, incluindo neste segundo grupo as crianças, os doentes e os idosos (Esquema 1).

Esquema 1 – População



Fonte: Dinis & Ferreira, 2006, p. 119

No texto:

Para que a população do nosso país possa ter boas condições de vida, é necessário produzir bens e organizar os serviços de que todos precisamos. Pelo trabalho produz-se riqueza, por isso precisamos do contributo de todos.

*As pessoas dedicam-se a trabalhos diferentes, mas estão dependentes umas das outras* (Dinis & Ferreira, 2006, p. 119).

A referência à população idosa surge no âmbito das “principais actividades produtivas nacionais” e, portanto, num outro contexto. O debate tem como mote “O trabalho é um direito e um dever?”.

Nos manuais examinados e no que respeita às ilustrações, transparece, frequentemente, uma imagem abstracta da pessoa idosa.

Conceição Neves e Rosa Costa (1986), em “Mundo Novo – Meio Físico e Social” (p. 39), a propósito da população apresenta uma estampa só com figuras alusivas à população jovem e sequer refere a existência de uma população idosa. Escreve que

Portugal tem cerca de 9 milhões e meio de habitantes.

*As cidades mais populosas são: Lisboa (850.000 habt.) e Porto (300.000); Setúbal, Braga, Coimbra, Aveiro, Faro, Covilhã, Almada, Funchal e Ponta Delgada* (Neves & Costa, 1986, p. 39),

Oito anos mais tarde, Manuel Ramalho (1994, p. 24), no seu manual, “Caminhos da nossa terra”, apresenta uma figura de duas pessoas idosas, sentadas num banco. Ele de chapéu, ela curvada e de lenço na cabeça (Figura 2).

*Figura 2 – Duas pessoas idosas sentadas num banco*



Fonte: Ramalho, 1994, p. 24

Também aqui a ideia é o recurso aos mais velhos enquanto “fonte oral” para “a reconstituição do passado da região”. Ainda no mesmo ano, num outro manual, desta vez, da autoria de Ana Pinto e Maria Aurélia Carneiro (Bambi 4), há uma fotografia alusiva a um Lar da 3ª idade sendo visível um conjunto de indivíduos, do sexo masculino (uns a jogar cartas, outros a observar) (cf. Pinto & Carneiro, 1994, p. 22).

Em “Magia do Saber”, da autoria de António Monteiro (1994), sobrevém, frequentemente, o desenho de uma pessoa idosa a evocar a memória – “sabias que” (p. 19, 36, 51, 60, 65, 66, 71, 74 e 77) (Figura 3).

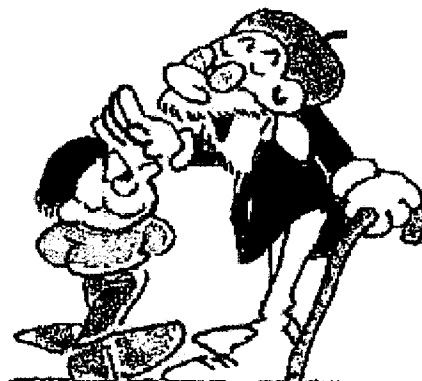
*Figura 3 - Sabias que...*



Fonte: Monteiro, 1994

Ainda neste manual, aparece, também, uma imagem associada à dimensão relacional. Na figura, um idoso, o avô – barba, boina, óculo e bengala (Figura 4).

*Figura 4 - O avô*



Fonte: Monteiro, 1994, p. 11

No texto lê-se:

*A tua família é formada pelo teu pai, pela tua mãe, irmãos ...*

*Os avós maternos e paternos, os tios e os primos também fazem parte da família. Eles são teus parentes.*

*A história da tua família começou no dia e local em que os teus avós se conheceram – história do passado* (Monteiro, 1994, p.11).

Outra editora, outro manual, vinte anos depois da LBSE, “O Novo Despertar”, da autoria da Hortênsia Neto (2006) na unidade “A descoberta de si mesmo” e, a propósito do Corpo Humano, especificamente, no item “Formação dos ossos e modificações do esqueleto ao longo da vida” (p.12), mostra a imagem de uma senhora, sem contudo fazer qualquer articulação entre o texto e a imagem (Figura 5).

*Figura 5 - Senhora Idosa*



Fonte: Neto, 2006, p. 12

Tudo indica que a figura está associada à questão da idade. Isto porque ao lado surge o seguinte texto:

A partir dos 50 anos, dá-se uma perda rápida da massa óssea. Os ossos tornam-se mais frágeis, fracturando-se mais facilmente, e podem surgir vários problemas, entre os quais a osteoporose (alteração dos ossos, que ficam mais frágeis e podem fracturar-se mais facilmente). Acontece mais em indivíduos do sexo feminino.

O que constatamos na nossa pesquisa foi que, nos manuais consultados, sobretudo nos da disciplina de Estudo do Meio (cf. Quadro n.º 2), a pessoa idosa surge referenciada nos conteúdos desenvolvidos no Bloco II – À Descoberta dos Outros e das Instituições, especificamente, na unidade 1, sobre “O Passado do Meio Local” e, no VI – À Descoberta das Inter-Relações entre a Natureza e a Sociedade, no item “Serviços”, onde se menciona a existência, em todas as

localidades, de serviços próprios para “garantir aos cidadãos uma boa qualidade de vida” (e.g. Pinto & Carneiro, 1998, p. 129).

E, relativamente ao papel da pessoa idosa no mundo e nas relações sociais actuais, não encontramos qualquer referência a não ser a alusão à pessoa idosa enquanto “fonte da história local” e/ou como “contador de histórias”, o que significa que as referências são escassas e pouco desenvolvidas e as figuras tendem, na sua maioria, a reproduzir uma visão estereotipada do idoso com chapéu e bengala.

### 5.2 - *Língua portuguesa*

Relativamente a estes manuais, o cenário é semelhante. Ou seja, também aqui não há grande espaço destinado à população sénior, para além de referências isoladas. As unidades curriculares definidas (9 ao todo) seguem a jornada da terra ao longo do ano e, naturalmente, as estações do ano, o calendário lectivo e festividades relativas ao calendário religioso e calendário pagão.

Em todos os pontos há objectivos e competências específicas:

*Observar as figuras, ler e interpretar as poesias (...). Descobrir e comentar as mensagens por elas transmitidas.*

*(...) Ler as palavras propostas (...) que indicam valores para reflexão e trabalho - ALEGRIA - AMIZADE - TRABALHO (...) NATUREZA - ORGANIZAÇÃO - TRADIÇÃO (...) PAZ - AMOR - FAMÍLIA (...) NATUREZA - COLABORAÇÃO - RESPONSABILIDADE (...) DIVERTIMENTO - FANTASIA - CONVÍVIO (...) NATUREZA - HARMONIA - SAÚDE (...) TOLERÂNCIA - ARRANJO - DESCANSO (...) NATUREZA - BELEZA - RESPEITO (...) AVALIAÇÃO - DESPEDIDA - FÉRIAS (...)*  
(Bambi 4, 1998, p. 3-5).

No entanto, o que verificamos foi, ainda assim, uma representação estereotipada e uma comunicação intergeracional incipiente.

Em 1991, em Tintim por Tintim, o programa apresentava quatro grandes temas. A distribuição temática propõe para o segundo período uma unidade (7ª) sobre a “população portuguesa”. Porém, nada é dito a propósito da população idosa.

Num outro manual, “O Retintim” (1994, p. 112; 2001, p. 98), um texto “O meu Avô...”. Ilse Losa, dá-nos o retrato do idoso, exprimindo as suas características físicas e pessoais, mais e menos positivas. Contrastando assim a perspectiva de homem “muito apurmo” e de homem “despreocupadíssimo”. Gravuras diferentes, mas desenhos afins da pessoa idosa (Figuras 6 e 7).

*Figura 6 - O meu avô**Figura 7 - O meu avô*

Fonte: Miranda &amp; Lopes, 1994, p. 112

Fonte: Miranda &amp; Lopes, 2001, p. 98

Também em 1994, no manual “Novo Pequenos Leitores”, um texto de Bocage mostra “o velho avaro”. Ainda no mesmo manual, José Saramago, através do texto “Avó” apresenta-nos uma “velhinha” com a “tranquila serenidade” dos seus 90 anos, analfabeta, de “mãos grossas e deformadas” e “pés encortiçados” (Figura 8).

*Figura 8 - Avó*

Fonte: Timóteo &amp; Marques, 1994, p. 26

Em “a noite diferente”, a propósito da noite de Reis, onde as palavras para reflexão são PAZ – AMOR – FAMÍLIA, uma imagem: um idoso (o velho Trindade) com a “viola amarantina muito bem afinada” e duas crianças ilustram a história de António Mota. No final referem o regresso “a casa do velho Trindade (...) felizes” para fazerem a partilha de tudo o que tinham conseguido (Bambi 4, 1998, p. 52).

Mais adiante, um outro tema, “manias do progresso”, um texto de Alice Pereira (Bambi 4, 1998, p. 84-85) apresenta-nos uma avó insatisfeita com o progresso e saudosa do passado e a “barafustar”.

*(...) Desde que começaram a ir à Lua a gente nunca mais se entendeu com o tempo. Chove no Verão, faz calor no Inverno. Também ainda estou para saber o que deu na cabeça das pessoas para irem à Lua ... Bem melhor seria se pusessem as coisas direitas aqui na Terra antes de se meterem nestas aventuras (...) no meu tempo e no tempo dos meus avós não havia nada dessas coisas e a gente vivia (Ibidem, p. 84).*

Interessa referir que, aquando do planeamento curricular, os valores enunciados eram os da natureza, harmonia e saúde. A ilustrar, duas gravuras. Uma representa a conquista do espaço, a outra uma senhora idosa – cabelo apanhado e óculo, na cozinha a lavar a louça (Figura 9).

*Figura 9 - Senhora Idosa*



Fonte: Pinto & Carneiro, 1998, p. 85

Em 2002, Flora Azevedo, em Bambi 4, num texto intitulado “A prenda”, relata-nos (e apresenta-nos) uma visão frequente da pessoa idosa. Ou seja, só, doente e à espera de alguém que o visite (p. 64-65) (Figura 10).



*Figura 10 - A prenda*

Fonte: Pinto & Carneiro, 2004, p. 64-65

## 6 - O Poder dos mediadores curriculares

Sem prévia escolha, é apenas através dos seus olhos abertos que a criança vislumbra o que é ou o que pode ser, e não, como mais tarde no black-out do conhecimento civilizador, a projecção daquilo que é suposto verem.

Singer (2004, p. 37)

A primeira impressão, resultante de uma leitura global sobre os manuais consultados, é a inexistência de grandes dissemelhanças quer em termos de conteúdo, quer em termos de imagens. A “imagem social” veiculada pelos manuais a propósito da pessoa idosa é tendencialmente desmeritória e pouco precisa.

As questões inerentes às pessoas idosas e à educação intergeracional são inexistentes ou incipientes e redutoras, porquanto descuidam as características reais da população mais velha e a verdadeira dimensão do envelhecimento mundial, preterindo assim, factos reais da nossa contemporaneidade: o número crescente de pessoas idosas e a necessidade de não apenas fortalecer a solidariedade entre as gerações, mas a de promover uma educação coerente e consistente ao tempo em que vivemos.

Sendo verdade que a actual sociedade incita fortemente a civilização da imagem, é igualmente verdade que a escola tem um papel determinante na edificação da sociedade, já que ela é uma das maiores, se não a maior, pelo fazer nascer em cada um de nós não apenas competências cognitivas mas também sociais e relacionais. Da análise dos manuais, instrumentos privilegiados pelas organizações escolares, perpassa, quando não oculta, a imagem fragilizada da pessoa

idosa e da velhice. Daí a necessidade de repensar a natureza do conhecimento veiculado por estes mediadores curriculares. Pois, “a permanência impressa do conteúdo pode significar uma espécie de «verdade absoluta», ao longo de muitos anos (...)” (Tormenta, 1996, p. 11), porquanto actuam como geradores de consciências sociais, culturais, pessoais, ... É absolutamente indispensável que os manuais escolares forneçam contextos de aprendizagem diversificados e competências de reflexão capazes de desdizer velhos mitos e preconceitos.

### Síntese

Ao longo destas páginas reflectimos sobre o conteúdo de alguns manuais escolares, nomeadamente, do 4º ano de escolaridade e, especificamente, da disciplina de Estudo do Meio e da de Língua Portuguesa. Da análise ressalta que os principais “«tradutores» das prescrições curriculares emanadas do Ministério” (Correia & Matos, 2001, p. 150) são pouco proeminentes acerca do conhecimento da pessoa idosa. Similarmente as ilustrações traçam um retrato bastante estereotipado e pouco preciso sobre a pessoa idosa e a velhice em geral. Das questões da reforma ou do papel da pessoa maior de sessenta e cinco anos de idade no mundo laboral e social fica a convicção do pouco relevo dos manuais escolares.

### Bibliografia

- Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP.
- Caballo Villar, M. (2001). *A Cidade Educadora. Nova perspectiva de organização e intervenção municipal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Vila Nova de Gaia: FML.
- Carneiro, R. (2004). *A educação primeiro*. Vila Nova de Gaia: FML.
- Carneiro, R. (2007). *Cidadania. Uma visão para Portugal*. Instituto Humanismo e Desenvolvimento (prefácio). Lisboa: Gradiva.
- Correia, J. & Matos, M. (2001). *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Asa.
- Dewey, J. (2007). *Democracia e educação*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Fraga, L. (2001). *Reflexões sobre o mundo actual. Problemas sociais contemporâneos*. Porto: Campo das Letras.
- Gérard, F. & Roegiers, X. (1998). *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto: Porto Editora.

- Giddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.
- Giddens, A. (2007). *A Europa na era Global*. Barcarena: Editorial Presença.
- Gil, J. (2005). *Portugal, Hoje. Medos de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Hargreaves, A. (2003). *O ensino na sociedade do conhecimento. A educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora.
- Leal, I. (1979). *A imagem feminina nos manuais escolares*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina, n/d.
- Leite, C. & Lopes, A. (Org.) (2007). *Escola, Currículo e Formação de Identidades*. Porto: Asa.
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Asa.
- Leite, C. (2002). *O Currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Lima, L. (1998). *A escola como organização e a participação na organização escolar*. Minho: Universidade do Minho.
- Lipovsky, G. (1989). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio de Água.
- Medeiros, E. (2006). *Educar, comunicar e ser*. Mirandela: João Azevedo Editor
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Asa.
- Menezes, I. (2005). De que falamos quando falamos de cidadania? Carvalho, C.; Sousa, F. & Pintassilgo, J. (2005). *A Educação para a cidadania. Como dimensão transversal do currículo escolar*. Porto: Porto Editora, p. 13-21.
- Menezes, I. (2007). *Participação cívica e política*. Porto: [Edição do Autor].
- Morim, E. (2001). *O desafio do século XXI. Religar os conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morim, E. et al (1996). *A Sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Nóvoa, A. (2005). *Evidentemente*. Histórias da Educação. Porto: Asa.
- Pacheco, J. (1996). *Currículo: Teoria e prática*. Porto: Porto Editora.
- Pais, J. [Coord.] (1998). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa: ICS.
- Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. *Cadernos de Pedagogia Social*. Aprender na e com a vida as respostas da pedagogia social. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, p. 125-134.
- Papalia, D. et al (2001). *O Mundo da criança*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Perrenoud, P. (2004). *Aprender a negociar a mudança em educação. Novas estratégias de inovação*. Porto: Asa.
- R. Jares, X. (2006). *Educar para a Verdade e a Esperança*. Porto: Asa.
- Ribeiro, A. (1996). *Desenvolvimento curricular*. Lisboa: texto editora.
- Roldão, M. (1999). *Gestão Curricular. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Scheerens, J. (2004). *Melhorar a eficácia das escolas*. Porto: Asa.
- Soares, M. (2007). *Cidadania: uma visão para Portugal «breves comentários»*. *Cidadania. Uma visão para Portugal*. Instituto Humanismo e Desenvolvimento. Lisboa: Gradiva, p. 25-29.
- Stoer, S. & Magalhães, A. (2005). *A diferença somos nós. A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Tavares, J. (1996). *Uma sociedade que aprende e se desenvolve*. Porto: Porto Editora.
- Tavares, L. (1991). *Modelos e perspectivas*. Lisboa: GEP.
- Tavares, L.; Mateus, A. & Cabral, F. [Coord.] (2003). *Reformar Portugal*. 17 *Estratégias de mudança*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Teodoro, A. (2003). *Globalização e Educação. Políticas educacionais e novos modos de governação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Tormenta, J. (1996). *Manuais escolares. Inovação ou tradição?* Lisboa: IIE.
- Vala, J. & Torres, A. (Org.) (2007). *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Zabalza, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: Asa.

### Manuais Escolares

- Borges, F.; Lima, J. & Freitas, M. (1999). *Andorinha Turrinha*. Porto: Porto Editora.
- Borges, F.; Lima, J. & Freitas, M. (2001). *Andorinha Turrinha*. Porto: Porto Editora.
- Castro, M.; Gomes, F. & Costa, M. (2006). *Trampolim 4*. Porto: Porto Editora.
- Dinis, C. & Ferreira, L. (2006). *Caminhos*. Porto: Porto Editora.
- Freire, M. (1994). *No Jardim da Comunicação*. Porto: Porto Editora.
- Magalhães, L. & Rebelo, O. (1998). *Andorinha Turrinha*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, A. & Lopes, C. (1991). *Tintim por Tintim*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, A. & Lopes, C. (1994). *Retintim*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, A. & Lopes, C. (1997). *Tintim por Tintim*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, A. & Lopes, C. (1998). *Retintim*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, A. & Lopes, C. (2001). *Retintim*. Porto: Porto Editora.
- Monteiro, A. (1994). *Magia do Saber*. Porto: Porto Editora.
- Neves, C. & Costa, R. (1986). *Mundo Novo – Meio Físico e Social*. Porto: Porto Editora.
- Neves, C. & Costa, R. (1994). *Descobrir... as palavras*. Porto: Porto Editora.

Neves, C.; Costa, R. & Marques, E. (1994). *Descobrir... o Meio 4*. Porto: Porto Editora.

Pinto, A. & Carneiro, M. (1994). *O Bambi*. Porto: Porto Editora.

Pinto, A. & Carneiro, M. (1998). *Bambi 4*. Porto: Porto Editora.

Pinto, A. & Carneiro, M. (2001). *Bambi 4*. Porto: Porto Editora.

Pinto, A. & Carneiro, M. (2002). *Bambi 4*. Porto: Porto Editora.

Pinto, A. & Carneiro, M. (2005). *Bambi 4*. Porto: Porto Editora.

Ramalho, M. (1994). *Caminhos da Nossa Terra*. Porto: Porto Editora.

Timóteo, N. & Marques, C. (1994). *Novo Pequenos Leitores*. Porto: Porto Editora.

Timóteo, N. & Marques, C. (1997). *Novo Pequenos Leitores*. Porto: Porto Editora.

### Abstract

This paper is part of a wider research on Intergenerational Education and emphasizes the role of curricular mediators for the attitudinal change of students regarding old people and their societal role. It is possible to transform and develop new mental representations of old age by promoting positive attitudes and generating a significant and inclusive socioeducational culture. In this context, textbooks as educational mediators are (should be) privileged carriers of learning and are central to promote a community that is genuinely committed to the development of a responsible and inclusive citizenship.

**Keywords:** School manuals; intergenerational education, positive attitudes.